

Jornal da Madeira - www.jornaldamadeira.pt - Windows Internet Explorer  
http://www.jornaldamadeira.pt/imprimir.php?Seccao=17&id=137072&data=2009-11-02

Jornal da Madeira - www.jornaldamadeira.pt

Jornal da Madeira / 1ª Página / 2009-11-02

Imprimir | Fechar [ X ]

Castanheira da Costa diz que a academia madeirense foi daquelas que, nos últimos 10 a 15 anos, «mais esforços desenvolveu e que mais alterações fez à sua carteira de cursos para responder às necessidades»

### Universidade quer atrair estudantes para mestrados



JORNAL da MADEIRA — Há um novo Governo, embora a pasta da Ciência e do Ensino Superior se mantenha com Mariano Gago, espera alguma alteração no que se refere ao relacionamento e apoio às universidades?

Castanheira da Costa — Penso que não vai haver alterações. Penso que as coisas seguirão dentro dos mesmos parâmetros que estavam acentes.

JM — Prevê então que prossigam as dificuldades financeiras que as universidades têm vindo a reclamar...

CC — Sim. Mas, não nos podemos esquecer que essa dificuldade financeira resulta de todo um problema que o nosso país, os países europeus e o mundo enfrentam neste momento. Não há, de facto, muitos recursos. A política que tem sido seguida é uma política que tem procurado restringir esse aspecto. Não espero, por isso, grandes alterações a esse nível.

JM — Há também uma questão que tem sido abordada, por diversas vezes, que é a vontade deste ministro em assegurar que a avaliação das instituições entra, finalmente, em velocidade de cruzeiro. Acha que essa questão, no que se refere à Universidade da Madeira, está bem encaminhada? Qual o ponto da situação neste momento?

CC — Nós fomos uma das primeiras universidades portuguesas, já com o meu antecessor, com o professor Pedro Telhado Pereira, que se sujeitou àquela avaliação das universidades europeias. Esse processo vai continuar. Entretanto, saiu um novo estatuto da carreira docente universitária e o novo estatuto da carreira docente politécnica, que introduz também a necessidade de uma avaliação dos docentes. Eu penso que os dois aspectos — o aspecto organizacional e o aspecto das pessoas que trabalham na universidade — estão já perfeitamente enquadrados na avaliação. Nós estamos a preparar, neste momento, toda a regulamentação, porque os estatutos das carreiras docentes saíram no início de Setembro. E, portanto, nós temos agora seis meses para propor essa regulamentação toda. E é o que estamos a fazer neste momento.

JM — Há um esforço, pelo menos é o que tem sido transmitido por parte dos responsáveis políticos pela área do Ensino Superior, em racionalizar a rede de cursos. Qual a sua opinião sobre este desafio?

CC — Eu tenho um pouco aquela que é a opinião do cidadão comum. Efectivamente, é necessária alguma racionalização da rede do Ensino Superior público. Mas, é preciso também ter em conta que, no caso da Madeira e dos Açores, são duas regiões insulares e, portanto, não podem ser tratadas como Vila Franca de Xira. Tem que haver essa distinção. Se houver sensibilidade para isso, eu penso que a racionalização pode ser boa para todos.

JM — No caso concreto da Universidade, e após a entrada em vigor do processo de Bolonha, o que podemos dizer dessa racionalização de cursos?

CC — Embora eu não conheça nenhum levantamento estatístico sobre o assunto, mas a ideia que tenho é que, ao longo dos últimos 10 a 15 anos, a Universidade da Madeira foi, talvez, a universidade portuguesa que mais esforços desenvolveu e que mais alterações fez à sua carteira de cursos para responder às necessidades. Nós, numa fase inicial, começámos com cursos de formação de professores, com grande esforço na área das letras. E isso alterou-se totalmente. A universidade chegou a ter a maioria dos seus estudantes na área das letras, no início, e agora tem a maioria dos seus alunos nas áreas das ciências e das ciências sociais. Houve alteração nítida da oferta que nós fazemos às pessoas, que tinha como objectivo adequar-se às necessidades e aos

## Universidade quer atrair estudantes para mestrados

JORNAL da MADEIRA — Há um novo Governo, embora a pasta da Ciência e do Ensino Superior se mantenha com Mariano Gago, espera alguma alteração no que se refere ao relacionamento e apoio às universidades?

Castanheira da Costa — Penso que não vai haver alterações. Penso que as coisas seguirão dentro dos mesmos parâmetros que estavam acentes.

JM — Prevê então que prossigam as dificuldades financeiras que as universidades têm vindo a reclamar...

CC — Sim. Mas, não nos podemos esquecer que essa dificuldade financeira resulta de todo um problema que o nosso país, os países europeus e o mundo enfrentam neste momento. Não há, de facto, muitos recursos. A política que tem sido seguida é uma política que tem procurado restringir esse aspecto. Não espero, por isso, grandes alterações a esse nível.

JM — Há também uma questão que tem sido abordada, por diversas vezes, que é a vontade deste ministro em assegurar que a avaliação das instituições entra, finalmente, em velocidade

de cruzeiro. Acha que essa questão, no que se refere à Universidade da Madeira, está bem encaminhada? Qual o ponto da situação neste momento?

CC — Nós fomos uma das primeiras universidades portuguesas, já com o meu antecessor, com o professor Pedro Telhado Pereira, que se sujeitou àquela avaliação das universidades europeias. Esse processo vai continuar. Entretanto, saiu um novo estatuto da carreira docente universitária e o novo estatuto da carreira docente politécnica, que introduz também a necessidade de uma avaliação dos docentes. Eu penso que os dois aspectos — o aspecto organizacional e o aspecto das pessoas que trabalham na universidade — estão já perfeitamente enquadrados na avaliação. Nós estamos a preparar, neste momento, toda a regulamentação, porque os estatutos das carreiras docentes saíram no início de Setembro. E, portanto, nós temos agora seis meses para propor essa regulamentação toda. E é o que estamos a fazer neste momento.

JM — Há um esforço, pelo menos é o que tem sido transmitido por parte dos responsáveis políticos pela área do Ensino Superior, em racionalizar a rede de cursos. Qual a sua opinião sobre este desafio?

CC — Eu tenho um pouco aquela que é a opinião do cidadão comum. Efectivamente, é necessária alguma racionalização da rede do Ensino Superior público. Mas, é preciso também ter em conta que, no caso da Madeira e dos Açores, são duas regiões insulares e, portanto, não podem ser tratadas como Vila Franca de Xira. Tem que haver essa distinção. Se houver sensibilidade para isso, eu penso que a racionalização pode ser boa para todos.

JM — No caso concreto da Universidade, e após a entrada em vigor do processo de Bolonha, o que podemos dizer dessa racionalização de cursos?

CC — Embora eu não conheça nenhum levantamento estatístico sobre o assunto, mas a ideia que tenho é que, ao longo dos últimos 10 a 15 anos, a Universidade da Madeira foi, talvez, a universidade portuguesa que mais esforços desenvolveu e que mais alterações fez à sua carteira de cursos para responder às necessidades. Nós, numa fase inicial, começámos com cursos de formação de professores, com grande esforço na área das letras. E isso alterou-se totalmente. A universidade chegou a ter a maioria dos seus estudantes na área das letras, no início, e agora tem a maioria dos seus alunos nas áreas das ciências e das ciências sociais. Houve alteração nítida da oferta que nós fazemos às pessoas, que tinha como objectivo adequar-se às necessidades e aos interesses da sociedade. Mas há aqui um problema: nós não podemos estar permanentemente a fazer isso. Um curso universitário para ter alguma qualidade também tem de ter alguma solidez e alguma estabilidade. E, portanto, nós não podemos estar a mudar as nossas carteiras de cursos todos os anos. Por outro lado, é preciso também termos em conta que, para além das necessidades de emprego, das necessidades de formação, a verdade é que os cursos são escolhidos pelos estudantes. E os estudantes também condicionam muito a oferta. E a verdade é que a Universidade da Madeira, neste último ano, teve um enorme sucesso com a oferta que fez. Nós ficamos, na primeira fase, em quarto lugar

na lista das universidades portuguesas com a melhor taxa de preenchimento de vagas. E, no fim da primeira fase, quando passamos para a segunda fase, nós já estávamos em terceiro. E, portanto, a nossa oferta, do ponto de vista dos estudantes, é boa, uma vez que preenchemos quase a totalidade das vagas.

JM — Embora já tenha referido um pouco esse aspecto, e quanto à adequação de cursos às necessidades do meio em que elas estão envolvidas, concretamente, no que se refere à Universidade da Madeira? Como é que a universidade apura as necessidades do meio?

CC — O que temos feito, sobretudo ao nível dos segundos ciclos, tentamos apurar essas necessidades através de inquéritos. Ao nível dos primeiros ciclos, as coisas têm estado mais ou menos estáveis nos últimos anos. Temo-nos baseado muito na procura dos anos anteriores e também no registo das primeiras escolhas. E esse é um indicador importante, porque ele, tipicamente, anuncia o que vai acontecer no ano seguinte e isso nós já verificámos em certos cursos e temos tido algum cuidado.

Cerca de 2.600 alunos no primeiro ciclo

JM — Falou na grande procura... quantos alunos a Universidade da Madeira tem neste momento?

CC — Nós temos cerca de 2.600 alunos no primeiro ciclo. Se se mantiverem as regras de acesso ao primeiro ciclo, através dos números clausus que têm existido até aqui, muito dificilmente este número se alterará. Por isso é que eu tenho defendido que a solução para a Universidade da Madeira crescer de uma forma saudável é através de uma grande investimento no segundo ciclo. Eventualmente, a aposta em áreas que permitam à universidade atrair estudantes de fora da Madeira. Os segundos ciclos não atraem o mesmo volume que os primeiros ciclos. Nós, na Madeira, dificilmente conseguiremos ter uma população de segundos ciclos que supere os mil. A Madeira não produz mil mestrandos por ano. A nossa ideia era desenvolver segundos ciclos, com ofertas atractivas que pudesse atrair pessoas quer do continente, quer até de outros países.

JM — Mas a UMa tem já atraído estudante de fora...

CC — Sim, temos uma área em que isso, neste momento, já é claro que é esta ligação à Universidade Carnegie Mellon que tem atraído estudantes de várias nacionalidades. E, depois, os estatutos da universidade prevêem o desenvolvimento da área das energias, da área do turismo e nós queríamos ver se, em princípio, investíamos nessas áreas, isto é, se conseguíamos encontrar aqui uma espécie de “casamento” entre a importância do desenvolvimento dessas áreas para a Região e a atractividade dessas áreas para estudantes que viessem de fora.

JM — Mas há já alguma coisa em concreto, ou é só no plano de intenções?

CC — Há já medidas no terreno. Negociamos com o Banco Santander Totta um protocolo de apoio à universidade, no qual estão incluídas duas vagas com a categoria de catedrático, por quatro anos, um, precisamente, na área das energias renováveis e, outro, para a área das nanotecnologias. E vamos começar a desenvolver, agora, no início do ano de 2010, com o processo de consultas necessárias para a contratação das pessoas em causa. São pessoas de grande gabarito, o concurso é internacional e, portanto, a ideia é começar a apoiar a criação destes grupos que vão trabalhar nessas áreas com as melhores pessoas possíveis.

JM — Numa época de contenção, houve alguns projectos que tiveram de ser adiados. Por exemplo, a intervenção na quinta adquirida em São Roque pela Universidade da Madeira. A qual foi comprada há já alguns anos. Quando é que teremos aquele espaço maximizado, ou otimizado?

CC — O espaço foi limpo agora. E, neste momento estamos a desenhar um projecto para ali que permita pôr aquilo à disposição da comunidade académica sem um grande investimento. Existe um projecto para o futuro que, eventualmente, incluirá infra-estruturas de ensino e de investigação. Neste momento, existem grandes dificuldades de financiamento e o que nós vamos fazer, entretanto, é que em vez de termos aquilo abandonado, vamos dar-lhe utilidade, criando um circuito de manutenção, uma zona com alguns campos desportivos, eventualmente para ténis e basquetebol. E uma zona de restauração.

Segundo o reitor da Universidade da Madeira, a ligação à Universidade Carnegie Mellon tem atraído estudantes de várias partes do mundo. De acordo com Castanheira da Costa, os estatutos da universidade prevêm o desenvolvimento da área das energias, da área do turismo, havendo intenção de promover «uma espécie de “casamento” entre a importância do desenvolvimento dessas áreas para a Região e a atractividade dessas áreas para estudantes que viessem de fora».

Para já, tal como afirmou, «negociamos com o Banco Santander Totta um protocolo de apoio à universidade, no qual estão incluídas duas vagas com a categoria de catedrático, por quatro anos. Um, precisamente, na área das energias renováveis e, outro, para a área das nanotecnologias. E vamos começar a desenvolver, agora, no início do ano de 2010, com o processo de consultas necessárias para a contratação das pessoas em causa. São pessoas de grande gabarito, o concurso é internacional e, portanto, a ideia é começar a apoiar a criação destes grupos que vão trabalhar nessas áreas com as melhores pessoas possíveis».

<http://www.jornaldamadeira.pt/imprimir.php?Seccao=17&id=137072&sdata=2009-11-02>